

RESUMO

O ensaio discute como a entonação valorativa, elemento do dialogismo que compõe os discursos humanos, apresenta-se e constitui-se em discursos escritos. Para tanto, analisa, discute e reflete sobre ela em duas fábulas, a demonstrar como a materialidade linguística do estilo de linguagem permite seu reconhecimento. Também apresenta e analisa produções escritas de aluno do 4º ano do Ensino Fundamental, a relatar como a orientação mediada e coerente sobre o elemento dialógico destacado se estabelece em atividade de produção textual escrita, a permitir o trabalho para o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento de discurso escrito em contexto escolar.

Palavras-chave: Entonação valorativa. Dialogismo. Discurso escrito.

ABSTRACT

The essay discusses how evaluative intonation, an element of dialogism that composes human discourses, presents and constitutes itself in written discourses. In order to do so, it analyzes, discusses and reflects on it in two fables, demonstrating how the linguistic materiality of the language style allows its recognition. It also presents and analyzes written productions by students in the 4th year of Elementary School, reporting how the mediated and coherent guidance on the highlighted dialogic element is established in written textual production activity, allowing work for teaching, learning and development of speech written in a school context.

Keywords: Evaluative intonation. Dialogism. Written speech..

1 INTRODUÇÃO

A produção de discursos escritos, a considerar dois momentos específicos que se engendram: a efetiva produção textual e a recepção do texto, permeia-se pelo elemento axiológico da entonação valorativa, que faz a relação, a ponte necessária entre o verbal e o extraverbal, como discute o Círculo de Bakhtin em várias de suas obras (BAKHTIN, 2003[1979]; 2010[1920-1924]; 2016[1979]; VOLOCHÍNOV, 2013[1940-1960]; VOLÓCHINOV, 2017[1929-1930]; 2019[1926]). Assim, entonação é compreendida aqui como elemento do discurso escrito, a partir do viés do dialogismo.

A noção de entonação é discutida nas obras do Círculo e estudada por pesquisadores ligados à corrente do dialogismo, como Dahlet (1997), Bubnova, Baronas & Tonelli (2011), Sobral (2009, 2020). Mais recentemente, tornou-se objeto de investigação por pesquisadores voltados ao ensino de língua no

¹Docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Maringá/PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7797-811X>. E-mail: renilsonmenegassi@gmail.com.



Brasil: Bezerra e Menegassi, (2021a, 2021b, 2022); Bezerra, Menegassi e Paixão (2019); Costa-Hübes e Menegassi, (2021); Menegassi (2016; 2022); Menegassi e Cavalcanti (2020); Menegassi, Fuza e Angelo (2022), que buscam entender como esse elemento se apresenta em atividades de leitura, produção textual e análise linguística, dentro das práticas de linguagem de trabalho em situação de ensino de língua no país.

Como princípio necessário, é preciso entender que entonação é concebida como modulação de voz ao se emitir um som vocal. Aqui já está uma característica que o dialogismo amplia em seu princípio: é modulação de voz, mas não apenas física, também como imagem acústica, isto é, a própria modulação de voz ocorre no discurso interior do produtor do texto e do leitor, numa relação de ligação do verbal com o extraverbal (VOLÓCHINOV, 2019[1926]), sempre a partir de avaliação social, que se encontra nos conhecimentos compartilhados socialmente, nas relações dialógicas estabelecidas pelas interações discursivas que são constituídas ao longo da vida em sociedade. Nesse sentido, é possível afirmar que os discursos constituem o indivíduo, por sua vez, os valores e as avaliações sociais que lhe são presentes na vida.

Na busca para entender a definição de entonação, Menegassi (2022, no prelo) afirma: “a emissão vocal é compreendida como elemento que possibilita a constituição de uma imagem mental da voz, da sua acústica, que ressoa no interior da mente do indivíduo”. É a imagem acústica produzida pelo indivíduo em momentos distintos, porém relacionados, como a produção do texto escrito e a sua recepção pelo leitor, a constituir-se como leitura interior no indivíduo (BAKHTIN, 2016[1979]; VOLÓCHINOV, 2013[1940-1960]), o que leva à construção dos significados e a produção de sentidos (MENEGASSI; FUZA; ANGELO, 2022), prene e constituída pelos valores sociais do indivíduo, por suas avaliações sociais constantes presentes nos discursos que recebe e produz.

Sua importância ao entendimento do discurso é tão relevante que Bakhtin (2013[1940-1960], p. 33), ao discutir um exemplo de uso de conjunção lógica em orações, afirma que sem a entonação “diminui-se a capacidade do discurso de produzir imagens”, isto é, a entonação é a responsável pela formação da imagem no discurso interior do produtor de texto e do seu receptor – na mente social já constituída, a afetar a compreensão do enunciado, por consequência a compreensão responsiva. Pelas orientações de Volóchinov (2019[1926], p. 123, destaques do autor), é assim caracterizada: “Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação é social *par excellence*.”. Esse caráter fundamental de entonação demonstra ser o elemento que “*está no limite entre o verbal e o extraverbal, o dito e o não dito*” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 123, destaques do autor), a exercer a função de ponte, de ligação, de relação entre a matéria linguística e a imagem a ser formada sobre o conteúdo do enunciado, pois é o elemento que permite ao discurso entrar em contato direto com a vida, sempre a partir de interações sociais estabelecidas.



Para melhor compreensão, definem-se dois aspectos necessários da entonação: entonação expressiva e entonação valorativa. Entonação expressiva é observada na constituição do estilo de linguagem exarado no discurso, junto aos valores manifestos pelas escolhas linguísticas efetivadas pelo autor. Bakhtin (2016[1979], p. 48) comenta que “um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado.”, é materialmente observada, a sustentar a valoração pretendida. Há de se afirmar que à materialidade linguística da palavra imbricam-se os valores sociais, por sua vez, as avaliações sociais dos interlocutores participantes da interação discursiva, a originar a entonação valorativa. Dessa forma, “qualquer palavra pronunciada com entonação expressiva, valorativa por natureza, constitui-se em um elemento de sentido no interior das relações sociais, porque opera com finalidade de completar toda e qualquer expressão, a conduzir e deixar-se ser conduzida pelas avaliações sociais.” (BEZERRA; MENEGASSI, 2022, p. 198). Não há como separar entonação expressiva de entonação valorativa, pois são dois aspectos do mesmo elemento, que se apresentam e se constituem justapostos. Nas palavras de Bakhtin (2010[1920-1924], p. 87), “nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não se estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa”, expresso pela entonação valorativa.

A partir desses entendimentos surgem indagações sobre a relação da entonação valorativa com os discursos escritos: como o produtor do texto escrito lida e manifesta a entonação no processo de produção da materialidade linguística? Como o leitor trata e compreende a manifestação de entonação no texto escrito a partir da materialidade linguística? Assim, compreender como a entonação se manifesta em discursos escritos é o objetivo deste ensaio, com vistas ao trabalho diretamente com o ensino de língua materna na Educação Básica, em suas práticas de linguagem de leitura, produção textual e análise linguística. Para tanto, são analisadas duas fábulas a serem exemplos possíveis de respostas às indagações propostas. Também, como exercício de atividade de ensino de produção textual escrita, são apresentados exemplos de produções textuais conduzidas com aluno de 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a discutir como o elemento da entonação valorativa seria explorado em situação de ensino de língua materna.

2 A ENTONAÇÃO VALORATIVA NA PALAVRA ESCRITA

Há enunciados escritos em que a entonação se manifesta de maneira valorativa mais expressiva e linguisticamente materializada, como é o caso da fábula “O cavalo e o burro”, de Monteiro Lobato (2008):





O cavalo e o burro

O cavalo e o burro seguiam juntos para a cidade. O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro – coitado! Gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto, o burro parou e disse:

- Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irmãmente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

- Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

O burro gemeu:

- Egoísta. Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

O cavalo pilheriou de novo e a coisa ficou por isso. Logo adiante, porém, o burro tropica, vem ao chão e rebenta.

Chegam os tropeiros, maldizem a sorte e sem demora arrumam com as oito arrobas do burro sobre as quatro do cavalo egoísta. E como o cavalo refuga, dão-lhe de chicote em cima, sem dó nem piedade.

- Bem feito! Exclamou o papagaio. Quem mandou ser mais burro que o pobre burro e não compreender que o verdadeiro egoísmo era aliviá-lo da carga em excesso? Tome! Gema dobrado agora...

(LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2008, p. 85-86.)

Na fábula, já no parágrafo inicial, a entonação toma valor de discurso, ao se ler “O cavalo e o burro seguiam juntos para a cidade. O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro — coitado! Gemendo sob o peso de oito.”. O leitor, no processo de construção do significado, arquiteta e visualiza a imagem produzida pela materialidade, a partir de sua “memória semântico-social depositada na palavra” (DAHLET, 1997, p. 264), a entender palavra como discurso, angariada a partir das muitas interações sociais que efetivou em sua vida. Assim, a materialidade permite que a entonação expressiva, o elemento “que dá cor a cada palavra do enunciado [que] reflete sua singularidade histórica [...] que dá cor ao sentido e ao som, aproximando-se de forma íntima na união peculiar do enunciado” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 185) se constitua como elemento de produção de sentidos ao discurso escrito, em que se visualiza: a) os dois animais, o cavalo e o burro, a caminhar por uma estrada, rumo à cidade; b) o cavalo feliz, com pouco peso nas costas, a trotar sem dificuldades; c) o burro com carga excessiva, o dobro do cavalo, a gemer com o peso sobre suas costas. Essas imagens são construídas por aquilo que se denomina de entonação expressiva, isto é, pela expressão de materialidade linguística que permite ao leitor produzir o sentido a partir da existência da entonação valorativa, por sua vez, a agregação de avaliação aos valores sociais do texto. Como ensina Volóchinov (2019[1926], p. 300), “A entonação que expressa a orientação social não só exige palavras ou expressões de um estilo determinado, não só atribui a elas um certo sentido, mas também aponta o seu lugar e as posiciona no todo do enunciado.”. Nesse aspecto, a partir da entonação expressiva oferecida pelo autor, o leitor leva ao texto seus conhecimentos compartilhados socialmente, angariados em interações sociais anteriores, para que a leitura seja efetivada dentro do significado próprio. Entonação é sempre constituída por avaliação social, por valores sociais.



Nesse bojo, surge indagação a respeito de como o autor construiu a imagem pretendida que se forma no discurso interior do leitor. Na realidade, o produtor do texto, aqui no papel do autor Monteiro Lobato, toma as palavras, os discursos, da “reserva social de signos” (VOLÓCHINOV, 2017[1929-1930], p. 206) que há no sistema da língua, para constituir a “memória semântico-social” (DAHLET, 1997) comum a si e ao seu leitor. É um jogo de interação por alteridade que leva à produção de discursos sociais a serem compreendidos, em que o cavalo se apresenta como folgado, o burro, por sua vez, como o coitado, o explorado.

Na sequência da fábula, há interação discursiva entre os personagens, que assim se manifesta:

Gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto, o burro parou e disse:

– Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irmãmente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

– Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

O burro gemeu:

– Egoísta. Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

Nessa cena, vislumbra-se justamente a entonação valorativa pela expressão da materialidade linguística. O burro geme, para e diz algo. A fala do burro é já carregada de dor, de reclamação pela injustiça que lhe abate. Dessa maneira, a expressão “- Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e remédio é repartirmos o peso irmãmente, seis arrobas para cada um.” entoa-se como imagem acústica articulada à avaliação social compartilhada a remeter ao sentido de aflição e súplica, não é possível a produção de sentidos antagônicos de prazer e aceitação. Tais sentidos não estão nas palavras, mas, sim, na entonação valorativa, no elemento do discurso em análise, já que “a entonação estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal: é como se a entonação viva levasse a palavra para fora dos seus limites verbais.” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 122-123). Eis o obstáculo a ser elucidado: compreender como a entonação valorativa se manifesta em palavra escrita, em discurso escrito, a partir da entonação expressiva. Tais manifestações ocorrem pelo estilo de linguagem usado pelo autor, isto é, “nós, evidentemente, a assimilamos como fator estilístico” (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 48), pois é justamente o estilo que permite a compreensão do discurso, é a materialização formal do discurso pelo elemento da entonação.

Em outra passagem da fábula, há evidente construção da imagem do cavalo como personagem irônico, altivo e egoísta:

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

– Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?





Dar um pinote e relinchar produz a imagem do personagem, em sua posição de desdém, altivez e egoísmo, a ironizar o burro, diretamente no discurso interior do leitor, até porque o tom usado na fala deixa isso evidente: “- Ingênuo!”, verificado pelo uso do ponto de exclamação na frase. Nessa manifestação de termo único, o valor atribuído ao adjetivo é muito mais do que simples caracterização, é a valoração pretendida pelo cavalo ao seu companheiro de viagem, um ser ingênuo na pretensão de se dividir a carga que há em suas costas. O tom emotivo-volitivo (BAKHTIN, 2010[1920-1924]) ali expresso não seria compreendido, no contexto do texto, como um tom de piedade, compaixão, consternação. Pelo contrário, é ironia, deboche, chacota pelo pedido feito pelo burro já que “cada palavra da língua tem ou pode ter por si mesma “um tom emocional”, “um colorido emocional”, “um elemento axiológico”, uma “auréola estilística”, etc. e, por conseguinte, uma entonação expressiva inerente a ela enquanto palavra” (BAKHTIN, 2016[1979], p. 50).

Lobato expressa seu estilo de linguagem e manifesta as suas entonações valorativas por meio do texto da fábula. As escolhas lexicais, as construções sintáticas não são apenas apresentadas, são pensadas, refletidas, construídas para que os efeitos de sentido aqui inferidos sejam revelados ao leitor a partir da materialidade linguística, o que caracteriza a entonação expressiva, vinculada obrigatoriamente à avaliação social pretendida pelo autor e aos valores ali presentes. Nesse aspecto retomam-se as palavras de Bakhtin (2016[1979], p. 50): “porque se pode pensar que quando escolhemos as palavras para o enunciado é como se nos guiássemos pelo tom emocional próprio de uma palavra isolada: selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras”. É a entonação expressiva materializada no discurso, a permitir a manifestação de entonação valorativa.

Assim, neste ponto da reflexão, surge outro questionamento: como o produtor do texto reflete e tem consciência de sua produção a partir do uso da entonação valorativa constante em suas produções? O trabalho de produção leva em consideração os conhecimentos partilhados por si e pelo seu interlocutor, nas diversas interações sociais já constituídas. Dessa maneira, é possível compreender que a réplica do burro manifesta contrariedade, não apenas aceite da proposta do cavalo:

O burro gemeu:

– Egoísta. Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

Nessa resposta, o burro geme, ainda a demonstrar suas dores com o peso em suas costas, o dobro do que o cavalo. Para tanto, expõe a principal qualidade do cavalo: ser egoísta, sem medo de repreensão, porém, como réplica ao discurso imposto pelo companheiro de viagem. Ainda por cima, para manifestar o valor negativo apresentado pelo cavalo, o burro alerta: “Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir





com a carga de quatro arrobas e mais a minha”, conduta comum aos discursos humanos em processos de réplica para alterações de condutas desagradáveis.

Por outro lado, há enunciados em que a entonação valorativa permite um trato mais amplo de trabalho com os sentidos, em função de sua expressão de materialidade linguística não apresentar nuances definidas como na fábula de Lobato. É o que ocorre em “O leão e o ratinho”, de La Fontaine (1998):

O leão e o ratinho

O rei das selvas dormia sob a sombra de um carvalho. Aproveitando a ocasião, um bando de ratos resolveu passar por cima dele para encurtar caminho.

– Vamos, vamos, não há tempo a perder – disse o líder do bando.

Quando faltava apenas um rato passar, o leão acordou e prendeu-o debaixo de sua pata.

– Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou o ratinho.

– E você tem alguma boa razão para que eu não faça isso?

– Bem... talvez um dia eu possa ajudá-lo! – disse o ratinho.

O leão deu uma sonora gargalhada:

– Você? Minúsculo desse jeito? Essa é boa!

– Por favor, por favor, por favor não me esmague! – insistiu o ratinho.

Diante de tamanha insistência, o leão, que estava mesmo com o estômago cheio, deixou que o ratinho se fosse.

Alguns dias depois, o leão ficou preso numa rede deixada na floresta por alguns caçadores. Fez de tudo para se soltar, mas não conseguiu. Seus urros de raiva fizeram a terra tremer. Ao ouvi-los, o ratinho veio em seu socorro. Com seus dentes pequeninos e afiados, roeu as cordas da rede e soltou o leão.

Uma boa ação ganha outra.

Pequenos amigos podem ser grandes amigos.

(LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas de Esopo*. Adaptação de Lúcia Tulchinski. São Paulo: Scipione, 1998.)

Diferentemente da fábula anterior, nesta, a entonação expressiva apresenta-se menos definida materialmente, com estilo de linguagem diferenciado. Como análise para compreensão, tome-se o diálogo dos personagens:

Quando faltava apenas um rato passar, o leão acordou e prendeu-o debaixo de sua pata.

– Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou o ratinho.

– E você tem alguma boa razão para que eu não faça isso?

– Bem... talvez um dia eu possa ajudá-lo! – disse o ratinho.

O leão deu uma sonora gargalhada:

– Você? Minúsculo desse jeito? Essa é boa!

– Por favor, por favor, por favor não me esmague! – insistiu o ratinho.

Por estar debaixo da pata do leão, percebe-se que implorar é uma ação necessária para sobrevivência do ratinho, o que corrobora as discussões de Volóchinov (2019[1926]) ao tratar da entonação na relação do papel socio-hierárquico dos indivíduos. Neste caso, é evidente que o leitor produz a compreensão responsiva de que o rato implora por sua vida, a ser fato preciso. Entretanto, ao se buscar





ampliações de trabalho com o ensino da língua escrita, é possível inferir que a manifestação do ratinho em implorar permite a exploração de entonações expressivas que conduzem a diversificações na compreensão da entonação valorativa, de modo mais amplo ao trato com novos sentidos, mesmo sabendo-se que é um risco tal pensamento e análise. Nesse aspecto, é plausível, pela materialidade linguística de “implorar”, definir com ampliações diversificadas o tom da expressão, o “tom emocional”, o “colorido emocional” a que se refere Bakhtin (2016[1979]), pois a entonação valorativa está com possibilidades de produções diversas de sentidos, a depender da entonação proferida pelo leitor no processo de compreensão textual. Assim, numa tentativa de ampliações de sentidos, salienta-se que, de forma hipotética, sempre a considerar a avaliação social de que o ratinho implora por sua vida, a fala da personagem “- Por favor, Majestade das Selvas, não me esmague!” seria entoada com tons de: a) súplica, b) desprezo, c) medo, d) indiferença, até mesmo no sentido de fingir tais emoções. A entonação expressiva apresentada pela construção sintática “implorou o ratinho” permite o trato com sentidos diversos, não definido, como se observa na fábula de Lobato (2008), em que o estilo de linguagem marcado conduz ao valor pretendido pelo autor.

Nessa senda, as duas outras falas do rato também são possíveis de sentidos diversos: i) “- Bem... talvez um dia eu possa ajudá-lo! – disse o ratinho.”; ii) “- Por favor, por favor, por favor não me esmague! – insistiu o ratinho.”, também com possibilidade de serem valoradas como: a) súplica, b) desprezo, c) medo, d) indiferença, a partir das considerações já exaradas. O que fica certo é o tom valorativo da expressão do leão que, acompanhada da construção sintática “deu uma sonora gargalhada”, leva necessariamente à percepção de entonação valorativa de ironia, deboche: “- Você? Minúsculo desse jeito? Essa é boa!”, a dificultar que os sentidos exarados ao ratinho sejam também apresentados ao leão. Nesse aspecto, a imagem acústica e sua avaliação social produzida ao leão é certa, com tom de ironia e deboche, porém, ao ratinho, há possibilidades de variações, a depender da memória semântico-social depositada nas palavras do leitor (DAHLET, 1997).

Assim, é possível afirmar que todos os discursos escritos apresentam o elemento da entonação valorativa, compreendida “como um elemento que auxilia na legitimação do discurso escrito.” (BEZERRA; MENEGASSI, 2021a, p. 45), já que uns apresentam-se com variadas manifestações de expressão, em que a entonação expressiva permite tal análise, outros com possibilidades de produções diversas de sentidos, em função do estilo de linguagem apresentado (BAKHTIN, 2016[1979]).

Ao se tomar dois excertos das fábulas como exemplos analíticos comparativos, percebe-se que o contexto em que ocorrem no enunciado escrito permite compreender que é o todo do discurso que conduz à produção de sentidos a partir do trato com a entonação expressiva e a entonação valorativa. A princípio, transparece que apenas o verbo de elocução, o verbo do dizer, é o referencial maior para a



determinação da entonação, contudo, não é apenas ele, é o contexto da situação narrada. Observem-se os dois excertos das fábulas apresentadas:

I.

Gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto, o burro parou e disse:

– Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irrimavelmente, seis arrobas para cada um.

II.

Quando faltava apenas um rato passar, o leão acordou e prendeu-o debaixo de sua pata.

– Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou o ratinho.

No primeiro exemplo, a construção inicial “Gemendo sob o peso de oito” cria a imagem do animal sobrecarregado de peso, a gemer enquanto caminha. Justamente essa imagem é a entonação valorativa, o elemento que liga o verbal com o extraverbal (VOLÓCHINOV, 2019[1926]), isto é, a construção sintática oferecida pelo autor à memória semântico-social (DAHLET, 1997), em que é possível produzir no discurso interior (BAKHTIN, 2016[1979]; VOLOCHÍNOV, 2013[1940-1960]) a imagem do burro sobrecarregado, gemendo e caminhando ao lado do cavalo. Tal manifestação de sentido é possível porque

[...] a entonação é o lugar de memória e lugar de encontro. Lugar de memória acústica e social, pois tanto o autor quanto o leitor estão totalmente impregnados de entonações, desde a mais tenra infância, e sua entonação depositada no texto constitui-se da sedimentação dessas diversas entonações ao mesmo tempo que reflete o grupo social ao qual pertencem. Lugar de encontro, pois a entonação é o resultado, além do objeto do enunciado, do cruzamento de sua entonação respectiva (DAHLET, 1997, p. 265).

Nesse aspecto, o autor e o leitor, “impregnados de entonações”, de compartilhamentos de conhecimentos sociais, produzem imagens similares do personagem, uma vez que ambos comungam da mesma avaliação social sobre a situação narrada, a considerar ainda que são indivíduos distintos. Dessa forma,

[...] o leitor predetermina não só o conteúdo e a forma do discurso atualizado – e por conseguinte, sua entonação – como também o ato de consciência do autor dentro da entonação mental. Assim, o ato de consciência não podendo se produzir sem discurso interior – e portanto sem palavras e sem entonação –, está imediato inscrito numa relação dialógica e de avaliação social (DAHLET, 1997, p. 265).

Essa afirmação implica na compreensão de que o autor considera o seu leitor no processo de produção do discurso escrito, assim como antecipa e também predetermina a avaliação social a ser comungada por ambos. A fala inicial do burro toma entonação valorativa de desabafo e falência: “- Não posso mais!”, precedida pelas ações de parar e dizer: “Em certo ponto, o burro parou e disse:”, mesmo que





o verbo de elocução aqui empregado não manifeste o valor definido de desabafo, porém, o conjunto da construção sintática leva a essa percepção pelo leitor, tudo conscientemente definido pelo autor, no processo de produção escrita. Assim, reafirma-se a posição de Dahlet (1997, p. 263) de que “há e se ouve voz no texto, na medida em que a entonação é a fonte da voz”, a corroborar o princípio exposto pelo Círculo de Bakhtin de que “a entonação sonora é mais uma *possibilidade* do que um som efetivo!” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 225, destaque do autor). Possibilidade significa aquilo que pode acontecer, uma vez que sentidos diversos também são produzidos, a depender da interação social em que o leitor se encontre. Além disso, possibilidade significaria aquilo que seria a manifestação da entonação, porém não o é fisicamente, mas no discurso interior, em forma de imagem acústica.

Por sua vez, o excerto sobre o leão e o ratinho também manifesta entonação valorativa pelo contexto de sua apresentação:

II.

Quando faltava apenas um rato passar, o leão acordou e prendeu-o debaixo de sua pata.
– Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou o ratinho.

Nesse exemplo, a descrição da cena de o leão acordar e prender o ratinho debaixo da pata leva o leitor a acionar os valores sociais de que o rato, por ser um animal menor, na situação de estar preso pelo leão, que é muito maior e o rei dos animais, faria um pedido de súplica com tom de medo para a fala “- Por favor, Majestade das selvas, não me esmague!”, junto com a construção sintática “implorou o ratinho”. Como já observado, a considerar hipoteticamente situações de ensino em que a ampliação de sentidos é objeto de trabalho, essa fala poderia ter “coloridos emocionais” (BAKHTIN, 2016[1979]) diversos, a depender da avaliação social do leitor, entretanto, a noção de implorar, de pedir encarecidamente, de suplicar manifesta-se, mesmo que o tom expresso pela entonação seja de a) súplica, b) desprezo, c) medo, d) indiferença, já que, em todas essas possibilidades, continua-se a implorar, entretanto, a considerar tais possibilidades de sentidos, até mesmo por fingimento: a) finge súplica, b) finge desprezo etc. Nesse aspecto, para que o sentido fosse delimitado ao leitor, o autor teria que configurá-lo em matéria linguística definida, como nos exemplos destacados por negrito:

- a) - Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou **suplicando/fingindo súplica** o ratinho.;
- b) - Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou ratinho **com desprezo/fingindo desprezo.**;
- c) - Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou o **medroso/fingindo medo** ratinho.;
- d) - Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou **indiferente/fingindo indiferença** o ratinho.

Tais possibilidades de acréscimos ao exemplo elucidam aquilo que acontece no discurso interior do leitor, no processo de produção de sentidos junto com o elemento da entonação valorativa, a depender da



avaliação social que imputa ao enunciado. Nesse aspecto, o verbo de elocução “implorar” continua a ser empregado e definido como a ação principal do ratinho, entretanto, as tonalidades, os coloridos para a entonação da sua fala se alteram, a produzir sentidos diversos, a ampliar as relações socioideológicas.

3 ENTONAÇÃO VALORATIVA NO ENSINO

Todas essas reflexões levam a pensar como trabalhar com entonação valorativa em sala de aula de Ensino Básico. Para tanto, é preciso que o aluno seja ensinado a tratar com o texto lido e com a produção textual de suas escritas escolares.

Inicialmente, encontrar as marcas linguísticas que permitem a entonação é um efetivo exercício de compreensão. Assim, destacam-se em negrito quais seriam algumas dessas marcas mais identificáveis, já que todo o enunciado é uma entonação completa em si, na fábula de Lobato, como um exemplo possível.

O cavalo e o burro

O cavalo e o burro seguiam juntos para a cidade. **O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro — coitado! Gemendo sob o peso de oito.** Em certo ponto, **o burro parou e disse:**

– **Não posso mais!** Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irremediavelmente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

– **Ingênuo!** Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? **Tenho cara de tolo?**

O burro gemeu:

– **Egoísta.** Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

O cavalo pilheriou de novo e a coisa ficou por isso. Logo adiante, porém, **o burro tropica, vem ao chão e rebenta.**

Chegam **os tropeiros, maldizem a sorte e sem demora arrumam com as oito arrobas do burro sobre as quatro do cavalo egoísta.** E como **o cavalo refuga, dão-lhe de chicote em cima, sem dó nem piedade.**

– **Bem feito! Exclamou o papagaio.** Quem mandou ser mais burro que o pobre burro e não compreender que o verdadeiro egoísmo era aliviá-lo da carga em excesso? **Tome! Gema dobrado agora...**

(LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2008, p. 85-86.)

A leitura da cena inicial já permite a compreensão do texto a partir da entonação expressiva nele apresentada. Assim, o cavalo manifesta-se ao leitor como feliz e tranquilo em sua caminhada – “O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas” –, por sua vez, o burro é apresentado como sobrecarregado, a gemer com o peso em suas costas: “o burro — coitado! Gemendo sob o peso de oito.”. Para que o efeito de sentido pretendido pelo autor seja produzido, ao leitor deve-se ensinar o reconhecimento da materialidade linguística a ser identificada, para que a leitura entonacional seja efetivada, primeiro pelo discurso interior – imagem acústica, depois, de maneira sonora, em que a manifestação vocal





se efetive, a partir de possível avaliação social já constituída. Como discute Volóchinov (2019[1926], p. 226, com destaque do autor): “A percepção da obra poética é a sua *entonação interior*, porém as ênfases fundamentais e mais sutis dessa entonação interior realizam-se na *escolha e disposição* do material verbal. De fato, é como se toda obra fosse envolta pela possibilidade da entonação sonora, e cada um dos seus elementos fosse colorido por essa possibilidade, que deve ser sentida”. A entonação valorativa da construção sintática sobre o cavalo é produzida com alegria e entusiasmo, enquanto a referente ao burro é com dor e pesar. Tais posturas seriam pertinentes ao ensino, uma vez que, na maioria do tempo, é considerada como conhecida, como já participante da memória semântica-social do aluno, como se o leitor já a dominasse por si, como algo inerente, o que não acontece, na realidade. Assim, é necessário que se ensine a lidar com a entonação expressiva, para que a entonação valorativa seja manifesta e produza efeitos de sentidos.

Outro exemplo ocorre com a fala de replicação do cavalo ao pedido do burro:

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

– Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

Observa-se que a ironia e o deboche são marcados pela expressão “relinchou uma gargalhada”, a levar à produção de entonação equivalente à fala do cavalo, com desprezo. Nesse aspecto, a valoração social surge como inerente à construção, uma vez que seus termos levam a isso, ou seja, “*O caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais.*” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 124, destaques do autor).

Para um efetivo trabalho, é pertinente mostrar ao leitor-aluno como seriam as possíveis entonações à resposta do cavalo, a partir do texto, mesmo que não sejam relacionadas à ironia e ao deboche, para que seja visível materialmente a diferença, não apenas pelo discurso e seus subentendidos. Assim, seriam exemplos de entonações: a) deboche, b) ironia, c) indiferença, d) irritação. Para tanto, seria necessário que se ampliasse o contexto da fala com acréscimo de informações (MENEGASSI; CIAVOLELLA, 2021), destacado em negrito:

a) deboche: – Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo? – **debochou o animal.**

b) ironia: – Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo? – **ironizou.**

c) indiferença: – Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo? – **perguntou indiferente.**

d) irritação: – Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo? – **muito irritado.**



Em todos os exemplos, a partir do texto original, configura-se atividade de escrita pela operação de ampliação (MENEGASSI; CIAVOLELLA, 2021) para que o aluno compreenda como são possíveis as entonações valorativas dentro do texto, a partir do acréscimo de informações que se têm nas vivências sociais. Essa atividade não altera o texto original, mas ensina como a entonação valorativa se constitui como elemento do discurso na produção textual escrita.

Outra atividade seria o trato com a entonação em um contexto mais amplo do texto, como na cena da fábula “O leão e o ratinho”, em que os personagens dialogam para resolver o conflito de ter o rato preso debaixo da pata do leão, por tê-lo acordado. Assim, acréscimos são apresentados em negrito, com a intenção de que se elucide o processo de produção de sentidos pela valoração social:

Quando faltava apenas um rato passar, o leão acordou e prendeu-o debaixo de sua pata.

– Por favor, Majestade das selvas, não me esmague! – implorou o ratinho **em súplica ou fingindo súplica/com desprezo ou fingindo desprezo/com medo ou fingindo medo/indiferente ou fingindo indiferença.**

– E você tem alguma boa razão para que eu não faça isso?

– Bem... talvez um dia eu possa ajudá-lo! – disse o ratinho **em súplica ou fingindo súplica/com desprezo ou fingindo desprezo/com medo ou fingindo medo/indiferente ou fingindo indiferença.**

O leão deu uma sonora gargalhada:

– Você? Minúsculo desse jeito? Essa é boa!

– Por favor, por favor, por favor não me esmague! – insistiu o ratinho **em súplica ou fingindo súplica/com desprezo ou fingindo desprezo/com medo ou fingindo medo/indiferente ou fingindo indiferença.**

Na realidade, essa atividade de acréscimo é uma abordagem a ser feita ao aluno, para que compreenda quais valores sociais são possíveis de se observar na cena, para a produção de sentidos, em tomada de consciência sobre o trato com a escrita. Essa abordagem permite compreender que

[...] a avaliação essencial não está em absoluto no conteúdo da palavra e não pode ser deduzida dele; mas, em compensação, ela determina a própria *escolha* da palavra e a *forma* do todo verbal, encontrando a mais pura expressão na *entonação*. A entonação estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal: é como se a entonação viva levasse a palavra para fora dos seus limites verbais (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 122-3, destaque do autor).

Até porque, conforme ensina Bakhtin (2016[1979], p. 50), “[...] cada palavra da língua tem ou pode ter por si mesma “um tom emocional”, “um colorido emocional”, “um elemento axiológico”, uma “auréola estilística”, etc. e, por conseguinte, uma entonação expressiva inerente a ela enquanto palavra.”, sempre decorrente das cumulações valorativas de sua historicidade de uso em outros enunciados, a ser necessário ensinar ao aluno como reconhecer o tom, o colorido emocional, para conseguir compreender





que o elemento axiológico é obrigatoriamente vinculado ao estilo de linguagem usado. Tais práticas de abordagens linguístico-textual-discursivas ampliam as relações sociais e ideológicas do aluno, a permitir-lhe o tom da entonação valorativa.

Outra atividade possível de trabalho é a substituição de marcas estáveis de entonação sintática no texto por entonação expressiva (MEDVIÉDEV, 2016[1928]), em que os verbos de elocução sejam substituídos por outros termos mais valorativos aos conteúdos expressos. Assim, tome-se como exemplo a cena inicial da Fábula de Lobato (2008), com destaques em negritos aos lugares textuais que poderiam ser alterados:

O cavalo e o burro seguiam juntos para a cidade. O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro – coitado! Gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto, o burro parou e **disse**:

– Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irmãmente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e **relinchou uma gargalhada**.

– Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

O burro **gemeu**:

– Egoísta. Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

A abordagem sugerida seria a de levantamento de possibilidades estilísticas para substituições possíveis, sem alterações de significados, entretanto, com ampliações de valores em sentidos. Dessa forma, a considerar os contextos textuais dos termos destacados, seriam possíveis substituições como as destacadas na coluna à direita do Quadro 1.

Quadro 1: Substituições possíveis à entonação

Entonação expressiva do texto	Substituições possíveis à entonação
“o burro parou e disse .”	murmurou, queixou-se, resmungou, reclamou, suspirou, objetou, protestou, reprovou.
“O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada .”	ironizou, debochou, farpeou, satirizou, sorriu, zombou, mangou, troçou, gozou.
“O burro gemeu .”	alertou, avisou, advertiu, atentou, preveniu, alarmou, precaveu, orientou, comunicou.

Fonte: O autor (2022).

Nessa abordagem, há ampliações de sentidos pelo trabalho com a substituição por associação, que levaria a muitas possibilidades de compreensão das entonações valorativas pretendidas, destacadas em negrito:





O cavalo e o burro seguiam juntos para a cidade. O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro – coitado! Gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto, o burro parou e **disse/ murmurou, queixou-se, resmungou, reclamou, suspirou, objetou, protestou, reprovou:**

– Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irrimavelmente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e **relinchou uma gargalhada/ ironizou, debochou, farpeou, satirizou, sorriu, zombou, mangou, troçou, gozou.**

– Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

O burro **gemeu/ alertou, avisou, advertiu, atentou, preveniu, alarmou, precaveu, orientou, comunicou:**

– Egoísta. Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

Não são quaisquer possibilidades de substituição que podem ocorrer, pelo contrário, o contexto da cena delimita a entonação expressiva, em função justamente do valor pretendido no discurso.

4. ENTONAÇÃO VALORATIVA EM PRODUÇÃO TEXTUAL

O processo de produção de textos no Ensino Fundamental (EF) pode ser efetivado a partir da noção do elemento de entonação valorativa. Assim, descreve-se, analisa-se e discute-se situação de produção com alunos de 4º do EF como exemplo da produção efetivada a partir do princípio dialógico aqui discutido em execução pelas pesquisas atuais.

Os registros de pesquisa foram coletados por meio dos Projetos de Pesquisas “Linguagem em interação: ensino, letramento e diversidade” (Processo 1410/2021, COPEP 48128521.1.0000.0104) e “Escrita, revisão e reescrita na formação docente – Fase 2” (Processo 2796/2021, COPEP: 54133216.6.0000.0104), desenvolvidos na Universidade Estadual de Maringá, com aprovações junto ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa em Seres Humanos-COPEP-UEM.

A tirinha em quadrinho de Magali e Mônica foi trabalhada pela prática de linguagem de leitura, com explorações possíveis sobre seus conteúdos e temática, com atividades orais e escritas a partir dos princípios da leitura dialógica propostas por Menegassi; Fuza; Angelo (2022).

Figura 1: Tirinha em quadrinho



Fonte: Turma da Mônica²

² Disponível em: www.turmadamonica.uol.com.br. Acesso em: 19 nov. 2022.





Na sequência, realizou-se atividade de produção textual a partir da noção de escrita como trabalho (MENEGASSI, 2016), a focar em específico o elemento dialógico de entonação valorativa com os alunos, para a continuação da narrativa exposta na tirinha, de modo deliberado e consciente. Assim, o aluno teria que produzir um texto a resolver a situação criada no último quadrinho, em que Magali pede maçã à Mônica, que está muito brava em cima da macieira, após o susto que levou da amiga.

Para a execução, algumas etapas foram realizadas. Em todas elas, o professor foi mediador e coprodutor de texto, para que o aluno compreendesse e produzisse seu texto com consciência do emprego da entonação expressiva, a permitir sua ampliação social e ideológica do que seja produção de texto com acréscimos de informações. Os textos são digitados para não se apresentar os originais com a letra do aluno, a manter sigilo ético de pesquisa. As etapas trabalhadas são:

1ª etapa: produção inicial de continuação do último quadrinho, em forma de relato:

Naquele momento, a Magali continuou a pedir a maçã a sua amiga Mônica, que muito brava foi logo dizendo para Magali não assustá-la mais. Sendo elas muito amigas mesmo com o susto, a Mônica jogou duas maçãs para a Magali, pois sabia que sua amiga era muito gulosa e estava faminta.

No texto do aluno, nota-se a entonação valorativa marcada em alguns trechos, que levam o leitor à produção do discurso interior pretendido, como em: “Mônica, que muito brava” e “foi logo dizendo para Magali não assustá-la mais”. Com essas construções, o autor do texto expõe o significado pretendido de que Mônica ficou brava com a atitude da Magali e também a repreendeu. Pela leitura, o elemento da entonação valorativa se constitui e o leitor forma a imagem acústica em seu discurso interior, a produzir a imagem definida pela escrita, junto à avaliação social sobre a temática. Essa construção imagética acústica é possível porque autor e leitor comungam de valor social comum à situação descrita, a partir das duas personagens da tirinha de quadrinhos, o que permite que a interação se estabeleça com mais vivacidade.

Outra caracterização ocorre com “a Mônica jogou duas maçãs para a Magali, pois sabia que sua amiga era muito gulosa e estava faminta”, em que é possível a formação de duas imagens em conjunto: a) Mônica em cima da árvore a jogar duas maçãs à Magali; b) Magali, com expressão de fome e de gula, a esperar pelas maçãs. Justamente por conseguir formar essas imagens, a partir da leitura realizada do texto do aluno, nota-se a existência do elemento de entonação valorativa. Na produção, o aluno construiu, por meio da entonação sintática, uma organização de palavras que permite a compreensão do dito, a demonstrar que há entonação expressiva nessas construções, portanto, o valor seria agregado pelo leitor, a permitir a produção de sentidos a partir da entonação valorativa. A comunicação se estabelece com prontidão, pois a construção sintática apresenta estilo de linguagem compatível ao gênero e a imagem acústica da memória semântico-social é produzida com adequação, portanto, a ponte entre o verbal e o extraverbal foi construída pela entonação valorativa.



Na sequência do trabalho, o aluno aprende como os verbos do dizer podem ser alterados, porém a manter o significado pretendido. É comum que alunos nos anos iniciais do EF empreguem verbos de elocução repetidos e simples, como dizer, falar e responder, sem muitas escolhas lexicais diversificadas, contudo, com entonações expressivas muito certas, em função do contexto de uso no texto. Sobre isso, Bakhtin (2013[1940-1960]) já comentava:

Nas séries iniciais, não há uma diferença significativa entre produção escrita e falada das crianças. Eles ainda não escrevem redações e ensaios sobre temas de literatura e, nas suas redações (descrições e narrações), utilizam a língua de modo bastante livre; por isso, a linguagem desses trabalhos, embora nem sempre correta, é viva, metafórica e expressiva; a sintaxe das crianças aproxima-se da fala; eles não se preocupam ainda com a correção das construções e por isso formam períodos bastante audaciosos, que por vezes são muito expressivos. Por não conhecerem nada sobre seleção lexical, o seu léxico é variado e sem estilo, ao mesmo tempo que é expressivo e ousado. Nessa linguagem infantil, embora de modo desajeitado, expressa-se a individualidade do autor; a linguagem ainda não está despessoalizada (BAKHTIN, 2013[1940-1960], p. 41).

Assim, o trabalho com o levantamento de possibilidades de substituições verbais, junto com discussões sobre os valores envolvidos nessas escolhas, permite ao aluno uma produção mais valorada das construções sintáticas, por sua vez, uma entonação valorativa mais definida ao leitor.

2ª etapa: estudo das possibilidades de emprego de verbos do dizer, a partir de acréscimos, a considerar os valores envolvidos:

Naquele momento, a Magali continuou/persistiu/permaneceu a pedir/falar/implorar/ordenar a maçã a sua amiga Mônica, que muito brava foi logo dizendo/falando/gritando/esbravejando para Magali não assustá-la mais. Mas sendo elas muito amigas mesmo com o susto, a Mônica jogou duas maçãs para a Magali, pois sabia que sua amiga era gulosa e estava faminta.

O texto trabalhado é o mesmo da 1ª etapa, porém com acréscimos de verbos para a compreensão de possíveis escolhas valorativas. Para tanto, as expressões “continuou a pedir” e “foi logo dizendo”, que manifestam justamente os verbos de elocução, foram destacadas, para que o aluno pudesse vislumbrar as suas posições exatas no trabalho valorativo proposto. Para melhor compreensão da atividade de substituição e de ampliação de conhecimentos, os verbos foram listados diretamente no relato produzido: “continuou/persistiu/permaneceu a pedir/falar/implorar/ordenar” e “dizendo/falando/gritando/esbravejando”, a permitir ao aluno compreender visível e diretamente na sua produção como as mudanças implicam em alterações também nos valores estabelecidos. Assim, no princípio, o aluno escreveu “continuou a pedir”, após o trabalho, escolheria entre “continuou a pedir”, “continuou a falar”, “continuou a implorar”, “continuou a ordenar”. “persistiu a falar”, “persistiu a implorar”, “persistiu a ordenar”, “permaneceu a pedir”, “permaneceu a falar”, “permaneceu a implorar”, “permaneceu a ordenar”. Essas várias





possibilidades de construção demonstram como a escolha implica numa criação de significado pelo autor a permitir ao leitor a produção de imagem acústica correspondente, o que se efetivou no texto da 3ª etapa. O mesmo ocorreu com as possibilidades do segundo exemplo, a diversificar o verbo dizer por falar, gritar e esbravejar, já que os dois últimos carregam em si carga valorativa muito mais assertiva à situação descrita no quadrinho.

A 3ª etapa trabalhou com o texto em formato de discurso direto, com a escolha dos verbos acrescidos na etapa anterior. Assim, o aluno escolheu o “colorido emotivo” desejado para manifestação do sentido pretendido.

3ª etapa: produção de relato com as escolhas dos verbos do dizer, em forma de texto com discurso direto livre:

– Texto inicial, com destaque dos verbos em negrito:

Naquele momento, a Magali continuou a **pedir** a maçã a sua amiga Mônica, que muito brava foi logo **dizendo** para Magali não assustá-la mais. Sendo elas muito amigas mesmo com o susto, a Mônica jogou duas maçãs para a Magali, pois sabia que sua amiga era muito gulosa e estava faminta.

– Texto revisado, com escolhas lexicais valorativas e reestruturação de forma, com introdução de discurso direto, com destaques dos verbos em negrito:

O susto da Mônica

Naquele momento, a Magali continuou a **implorar**:

– Por favor! Amiga Mônica me dá uma maçã! A Mônica **esbravejou**:

– Não me assuste mais viu! Como somos amigas vou lhe dar duas maçãs pois você é muito gulosa e esfomeada.

São destacadas as alterações feitas no texto, a partir do trabalho realizado na 2ª etapa, em que o aluno estudou as possibilidades lexicais de exploração valorativa pelos verbos. Assim, o verbo pedir foi substituído por implorar e o verbo dizer por esbravejar. As escolhas não são aleatórias; são relacionadas aos valores pretendidos para comunicação oferecida pelo aluno. A Magali não apenas pede, implora, com uma carga emotivo-volitiva mais assertiva. A Mônica não apenas diz, esbraveja, a demonstrar ao leitor o caminho de compreensão da imagem acústica a ser produzida. Com essas escolhas, o aluno altera seu texto e compreende como a entonação expressiva, realizada com orientação mediada sobre as escolhas estilísticas, permite a produção de entonação valorativa mais definida, mais evidente ao leitor.

A última etapa levou o aluno à produção da narrativa escrita da tirinha na íntegra. Nela, é possível observar indícios e marcas evidentes de entonação valorativa.

4ª etapa: produção de texto narrativo para toda a tirinha, com ampliação do último quadrinho, a oferecer uma conclusão possível ao conflito ali estabelecido:





O susto que a Magali deu na Mônica

Em uma bela tarde de verão Mônica estava lendo seu livro em um campo no gramado verde embaixo de um pé de macieira.

Um tempo depois a Magali chegou na ponta dos pés e deu um susto na Mônica e ela ficou muito brava então a Mônica disse:

– Magali! Não faça mais isso. Então a Magali falou:

– Me desculpa Mônica! eu não vou fazer mais isso mas aproveita que você está ai em cima da árvore e pega uma maçã para mim.

Então a Mônica pegou duas maçãs e deu para ela e a Mônica perdoou a Magali.

Pela leitura do texto, é possível se construir as imagens mentais sociais correspondentes a cada uma das cenas, o que permite afirmar que a entonação valorativa se constituiu como elemento discursivo no texto do aluno.

Na comparação da produção textual do aluno com a tirinha de Magali e Mônica, verifica-se que as cenas escritas são correspondentes às cenas da tirinha, a demonstrar o desenvolvimento da produção textual junto ao aluno, com as correspondentes marcas linguísticas de entonação na escrita. Por sua vez, a última cena descrita não apresenta uma imagem no quadrinho, entretanto, por sua composição e trabalho, o leitor consegue produzir, no seu discurso interior, a imagem da Mônica a ser convencida pela amiga a pegar duas maçãs de cima da macieira onde se encontra e dar à Magali, numa demonstração de compreensão, até de perdão. Essa imagem, mesmo que não tenha se apresentado fisicamente na tirinha, é possível de ser construída pelo leitor a partir dos elementos linguísticos que permitem a produção de sentidos, através da entonação expressiva. Dessa forma, o leitor, a ter sua memória semântica-social constituída, “desenha” em seu discurso interior a situação descrita, o que efetivamente comprova que a entonação valorativa se tornou a ponte entre o verbal e o extraverbal, a partir da materialidade linguística produzida.

A cena em que há o emprego de verbos do dizer não sofreu alterações em relação ao emprego de verbos com tons mais valorativos, como nas atividades anteriores, a corroborar as afirmações de Bakhtin (2013[1940-1960]) sobre o discurso escrito da criança. Nela, observa-se o emprego de verbos mais simples como “disse” e “falou”, entretanto, o contexto descrito demonstra como a entonação valorativa se manifesta, a dar a cada um dos verbos um tom certo, um colorido entonacional determinado: “ela ficou muito brava então a Mônica disse:” e “- Magali! Não faça mais isso. Então a Magali falou:- Me desculpa Mônica! eu não vou fazer mais isso mas aproveita que você está ai em cima da árvore e pega uma maçã para mim.”. Nessas proposições do texto, são evidentes as entonações de Mônica a esbravejar e de Magali arrependida, porém a aproveitar-se da situação. Por ter em sua memória semântica-social tais valores, o leitor consegue produzir a imagem acústica que permite a construção da imagem da cena descrita no discurso interior, a partir da entonação valorativa manifesta.





O aluno conseguiu entender como se produz entonação valorativa no seu discurso escrito, apenas deve ser melhor orientado a empregar verbos do dizer mais condizentes ao contexto, o que é um aspecto de amadurecimento na escrita, já que é uma criança de 4º ano do EF. Esses resultados confirmam a proposição de Bakhtin (2013[1940-1960]) de que

O empenho perseverante do professor se torna necessário justamente aqui. A nova mudança da produção escrita dos alunos precisa ser obtida com afincos e aproximada novamente do discurso oral, vivo e expressivo, isto é, da linguagem da vida viva. Porém, essa aproximação deve acontecer em um nível mais elevado de desenvolvimento cultural: precisamos aqui não da espontaneidade ingênua da linguagem infantil, mas da confiança adulta e da coragem da produção linguística adquirida por meio do estudo da língua dos clássicos da literatura (BAKHTIN, 2013[1940-1960], p. 42).

O professor ensina o elemento da entonação valorativa, por sua vez, a partir de mediação orientada, o aluno exercita sua prática de escrita e desenvolve melhor seu discurso escrito.

5 CONCLUSÃO

O ensaio buscou compreender como a entonação valorativa se manifesta em discursos escritos, a considerá-la como elemento de constituição das palavras escritas. Nesse sentido, os exemplos analíticos apresentados por duas fábulas e por textos produzidos por aluno do Ensino Fundamental demonstram e atestam que é um componente inerente ao discurso humano que necessita ser trabalhado em situação de ensino de língua.

Para tanto, ao longo das reflexões, alguns aspectos sobre a entonação valorativa foram discutidos, como: a) é emissão vocal que possibilita a imagem mental da voz, sua imagem acústica no discurso interior; b) permite a constituição da leitura interior no indivíduo; c) caracteriza-se como elemento de formação de imagem mental no discurso interior, a permitir a compreensão; d) é o limite entre o verbal e o extraverbal, é a ponte, a ligação, a relação entre o verbal e o subentendido; e) permite ao discurso entrar em contato direto com a vida real; f) manifesta-se de maneira mais expressiva em alguns enunciados; em outros, permite maiores amplitudes de sentidos; g) constitui-se como memória semântica-social depositada nas palavras, nos discursos; h) é produzida em interação discursiva; i) carrega e partilha avaliações sociais de valores dos interlocutores; j) é ensinada em situação de ensino de língua; k) é possível de ser trabalhada nas práticas de linguagem de leitura, produção textual e análise linguística.

A entonação valorativa é elemento do discurso escrito a ser melhor investigado nas práticas de linguagem relacionadas ao ensino de língua materna.





REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco São Carlos: Pedro & João Editores, 2010[1920-1924].
- BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vóldoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2013[1940-1960].
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].
- BEZERRA, J. C. S.; MENEGASSI, R. J. A entonação valorativa em atividades de leitura no livro didático de Português. *In*: BELOTI, A.; POLATO, A. M.; BRITO, A. P. (org.). **Dialogismo e ensino de línguas: reflexões e refrações na práxis**. Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021a. p. 28-48.
- BEZERRA, J. C. S.; MENEGASSI, R. J. A entonação valorativa na produção de sentidos em leitura no livro didático de português. **Revista Educação em Foco**, v. 26, n. 3, p. 1-19, 2021b.
- BEZERRA, J. C. S.; MENEGASSI, R. J. Entonação valorativa em atividades de leitura. *In*: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. (org.). **Leitura e ensino de língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 195-235.
- BEZERRA, J. C. S.; MENEGASSI, R. J.; PAIXÃO, S. V. A entonação valorativa em atividades de livro didático de português do ensino fundamental. **Diálogo das Letras**, v. 8, n. 3, p. 22–41, 2019.
- BUBNOVA, T.; BARONAS, R. L.; TONELLI, F. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, 2011.
- COSTA-HÜBES, T. C.; MENEGASSI, R. J. Oralidade e entonação valorativa na formação docente inicial. *In*: MAGALHÃES, T.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. (org.). **Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021. p. 173-197.
- DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 263-279.
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução: Ekaterina Vólvoka Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016, p. 165-192.
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólvoka Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016[1928]. p. 193-207.
- MENEGASSI, R. J. A escrita como trabalho na sala de aula. *In*: JORDÃO, C. M. (org.). **A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes, 2016. p. 193-230.





MENEGASSI, R. J. Entonação valorativa em atividades com tirinha de quadrinhos. *In*: BAUMGARTNER, C. T.; GEDOZ, S.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.). **Concepção dialógica de linguagem e suas reverberações no ensino de Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes: 2022, no prelo.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. *In*: FUZA, A.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. (org.). **Interação e escrita no ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020. p. 99-118.

MENEGASSI, R. J.; CIAVOLELLA, B. Interação e escrita pela atividade de operação de acréscimo. *In*: RODRIGUES, I. C. F. S.; OHUSCHI, M. C. G. (org.). **As interfaces possíveis no processo de ensino e aprendizagem de línguas e culturas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021. p. 105-130.

MENEGASSI, R. J.; FUZA, Â. F.; ANGELO, C. M. P. A leitura em perspectiva dialógica: atividades com o poema. *In*: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. (org.). **Leitura e ensino de língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 371-417.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

SOBRAL, A. Entrevista com Adail Sobral, uma conversa inacabada. *In*: FRANCO, N.; PEREIRA, R. A.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 243-286.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013[1940-1960].

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheyla Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2017[1929-1930].

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 23, 2019[1926].

Artigo recebido em: 19/11/2022
Artigo publicado em: 24/11/2022

COMO CITAR

MENEGASSI, R. J. *Entonação valorativa em palavra escrita*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-22, e02217, 2022.

